

REFLETINDO SOBRE O CONHECIMENTO DO ALUNO COM PSICOSE INFANTIL NA ESCOLA: “ELE LÊ, MAS NÃO INTERPRETA”

Cisenando Antonio dos Santos
Prefeitura Municipal De Vila Velha (ES) – Brasil
Lucrecia Colatto Tavares
Prefeitura Municipal De Vila Velha (ES) - Brasil

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo realizar um estudo a partir de um caso de inclusão escolar em uma escola de ensino Fundamental no município de Vila Velha. Édipo, um aluno com hipótese diagnóstica de psicose infantil que passou a frequentar a escola aos três anos de idade. Ao conhecerem Édipo as professoras observaram que ele falava pouco e sem intenção de se comunicar, não brincava, apresentava estereotípias, era agitado e agressivo batia em seus colegas da creche, sua diversão era o olhar fixo nos jornais e revistas, não se pode afirmar que o aluno já havia se apropriado da leitura e escrita. Ao longo dos quatro anos de escolarização básica, o aluno já desafiou os profissionais da Educação a repensarem seus lugares, tendo em vista as especificidades que envolvem o trabalho com alunos tão singulares. O caso de Édipo contribuiu para problematizarmos a constituição das práticas escolares em tempos de inclusão e o olhar sobre a loucura.

Palavras-chave: Psicose Infantil. Práticas Educativas.

1. Introdução:

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES

O fenômeno inclusivo escolar tem sido um desafio para os profissionais da educação que muitas vezes se deparam com alunos de maneira bastante peculiar no espaço escolar. Tendo isso em vista, a proposição deste texto visa problematizar a constituição de direitos e as práticas pedagógicas destinadas a este público.

Assim definiu Bispo do Rosário: “Os loucos são como beija-flores: nunca pousam, ficam a dois metros do chão”.

E nesse contexto direcionaremos a discussão sobre o olhar das práticas escolares que se debruçam sobre os alunos com psicose infantil em tempos de inclusão. A partir de um caso na UMEF “Graciano Neves”. O aluno Édipo¹, com hipótese diagnóstica de psicose infantil, passou a frequentar a escola aos três anos de idade. Esse aluno provocou aos profissionais da Educação a

¹

Nome fictício.

repensarem seus lugares, tendo em vista as especificidades que envolvem o trabalho com alunos tão especiais.

O cotidiano escolar é permeado por uma cultura em torno da organização curricular para facilitar as práticas docentes em sala de aula. Ao contrário, não há uma estrutura para definir o trabalho do professor com os alunos com os mais diversos transtornos.

COLL, MARCHESI, PALACIOS & COLS (2010), seguindo os autores, para que os alunos confirmem algum sentido às suas aprendizagens e se sintam motivados supõe, no fundo, ensinar bem.

Para os autores é necessário desenvolver e ajustar uma proposta resumida, clara e objetiva.

Ajustar a tarefa à possibilidade do aluno- Pouco se avança se o aluno não é capaz de resolver as novas tarefas que lhe são apresentadas. É preciso adaptá-las às suas capacidades de tal forma que a experiência de êxito aumente sua autoestima e seu interesse pelo trabalho escolar.

Em meado do primeiro semestre do ano de 2016, chegou uma professora para atuar numa classe regular de ensino onde estava matriculado o aluno Édipo, a regente a princípio não se opôs em tê-lo na classe, mas quando o aluno iniciava suas interferências, com altos gritos, diálogos desconexos, a referida professora solicitava que o retirasse de sala afirmando, “Ele não tomou o remédio hoje”.

O pensar do professor ainda permanece como um universo desconhecido quanto ao processo de ensino e aprendizagem junto às crianças com psicose infantil, entre outros transtornos globais.

Para Lacan (1998), em seus argumentos aponta a causa da psicose como um acidente ocorrido durante a elaboração do Complexo de Édipo, que teria impedido a inscrição do Nome-do-Pai (metáfora paterna), significante fundamental para barrar o desejo da mãe, e instaurar a falta (castração) promovendo assim o desejo no sujeito. Desta forma, fica impedida a ordenação simbólica, deixando o sujeito à mercê do puro gozo.

É preciso preencher as lacunas, redimensionar, analisar as práticas e buscar soluções existentes em sala de aula. Ao conhecer Édipo, observamos que às vezes o discente produz movimentos repetitivos para frente e para trás e fica saltitando nas pontas dos pés com pequenos objetos em suas mãos balançando para um lado e para o outro. São movimentos às vezes bruscos, dificilmente se posiciona sentado na cadeira, normalmente sua postura é ficar ajoelhado, parece estar prestando atenção ao que sua professora está explicando na sala de aula. Porém, ao mesmo tempo percebemos que o mesmo está com o olhar e o pensamento distante. Sua reação inesperada com gargalhadas, gritos surpreende a todos, por fim o discente pergunta.

“Você está se comportando, Você está se comportando?”

Édipo interage pouco com seus colegas, no recreio costuma levar um pacote de biscoito recheado todos os dias, sempre acompanhado de sua cuidadora na aula de educação física, não se interessa pelas dinâmicas coletivas, segurando em suas mãos um graveto ou uma peça de lego balançando com olhar fixo. Às vezes o aluno fala “deixa eu te amar”, essa afirmativa é o desejo de abraçar e beijar na testa de quem ele gosta. Os cheiros muito lhe chama atenção, seu olfato parece ser muito apurado.

Convocamos a mãe de Édipo para saber mais um pouco sobre o aluno no intuito de fazer as interferências pedagógicas. Em resposta, obtivemos o seguinte, Jocasta, mãe do Édipo, ao relatar sobre seu filho, afirmou ter percebido que sua criança era diferente, logo nos três primeiros anos de vida, foi quando resolveu procurar um acompanhamento médico para melhor orientá-la. Ao procurar um psiquiatra, foi informada que o pequeno Édipo demonstrava hipótese de Psicose infantil.

2. Metodologia:

Diante dos dados expostos, visamos traçar uma reflexão sobre como o atendimento desses alunos ocorre na prática cotidiana escolar. Para isso buscamos conhecer a rotina de um aluno com Psicose infantil em seu dia-a-dia na escola. Além de reconhecer as dificuldades e as suas funcionalidades da instituição, pretendemos também, discutir sobre a inclusão encontrada no referido ambiente educacional, que olhar perpassa sobre o indivíduo com transtorno mental? Existe uma cultura do pensar sobre o psicótico, agressivo, não aprende dentre outros mitos em torno, se tomar medicamento melhora. Não podemos considerar as crianças psicóticas como doentes que devem ser curados por medicamentos ou medidas educativas, mas sim como sujeitos que merecem ser escutados na sua singularidade. Para isso, faremos um paralelo sobre a obra do Bispo do Rosário, artista plástico brasileiro. Considerado louco por alguns e gênio por outros, a sua figura insere-se no debate sobre o pensamento eugênico, o preconceito e os limites entre a insanidade e a arte no Brasil.

Para atender aos objetivos do estudo escolhemos como metodologia o estudo de caso, com observação participante e com enfoque da pesquisa-ação. A coleta de dados durou cinco meses (maio a julho de 2016) e aconteceu por meio de registros.

2.1. Cenário: A pesquisa, como já mencionado, foi realizada em uma escola municipal do município de Vila Velha situada no bairro Paul. Esta é considerada uma instituição que tem uma boa estrutura física, conta com espaços diversos como laboratório de informática com cerca dezois computadores, quadra ampla e bem cuidada, sala de leitura, refeitório, pátio aberto e uma sala de recursos. A sala de recursos se caracteriza como um serviço especializado de natureza pedagógica com o auxílio de materiais específicos e equipamentos tecnológicos, que apoiam e complementam o atendimento educacional realizado nas classes de ensino regular, mediante a necessidade de cumprimento do estabelecido nos documentos oficiais para a educação.

A escola atende os segmentos da Educação o Ensino Fundamental I (Anos iniciais, ou seja, do 1º ao 5º ano e Ensino Fundamental II anos finais no total são quinze turmas atendidas, em cada turno, e todas possuem salas amplas. As salas possuem mobiliário padrão adequado á estatura das crianças. A instituição busca seguir um modelo de ensino no qual objetivo é proporcionar a aprendizagem e erradicar defasagem escolar priorizando o direito de todos.

Em específico, sob a perspectiva do Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência Intelectual e transtornos Globais do Desenvolvimento.

Considerações Finais

Com a presente pesquisa, pode-se observar, portanto, a importância dos olhares que se debruçam sobre o transtorno mental, de que maneira o aprendizado se faz presente na vida do ser? É necessário os profissionais se apropriar desse universo, para que possam exercer seu papel como construtores das práticas inclusiva onde atenda os direitos universais dos alunos. Desse modo potencializaremos profissionais que atenda todo processo e dificuldade apresentada por cada estudante, que necessite de atenção diferenciada.

Por tanto para que a inclusão ocorra de forma efetiva e alcance seus objetivos na sociedade é necessário o envolvimento de todos os segmentos, através da desconstrução de mitos em torno dos alunos com psicose infantil e todos aqueles que se fazem diferentes diante do conceito normativo. É fundamental práticas e ações positivas, principalmente na inserção de todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar respeitando se tempo e toda diversidade.

Referências Bibliográficas:

AQUINO, Julio .Groppa. **Diferenças e Preconceito na Escola**. São Paulo: Summus, 1988

CAVALCANTI, M.C. Estudos sobre a educação bilíngue e escolarização em contexto de minorias linguísticas no Brasil. *DELTA*, v. 15, n. especial, p. 385-417, 1999.

DUBET, François. *Desigualdades multiplicadas*. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

FREUD, S. (1920). Além do principio de prazer. In: **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII, p.12-85.

JERUSALINSKY, A. N. Considerações acerca da Avaliação Psicanalítica de Crianças de Três Anos – AP3. In: LERNER, R.; KUPFER, M.C.M. **Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa**. São Paulo: Escuta, 2008, p.117-136.